



## **Por uma Pedagogia das Trocas**

**Casa das Artes – RJ**

**Sueli de Lima**

8 de março de 2007

A Casa das Artes é uma organização que atua há oito anos na área da educação e cultura, desenvolvendo projetos nas favelas da Mangueira, dos Macacos e em Acari, no Rio de Janeiro. Não somos escolas no sentido convencional do termo, mas realizamos diversas experiências educacionais. Isto porque a educação há muito extrapolou os limites da escola. O trabalho que realizamos se insere no espaço da educação não-formal, modalidade que vem ocupando espaço significativo no Brasil a partir de diversos trabalhos que a sociedade civil vem desenvolvendo. De maneira diferente do ensino formal, não trabalhamos sobre currículos elaborados a partir do conhecimento historicamente sistematizado pelas sociedades. O que não quer dizer que estes conhecimentos não façam parte do processo: são apenas mais um elemento, em um projeto educacional abrangente, que reúne diversas áreas, experiências e saberes em busca da ampliação do conceito de aprendizagem.

A perspectiva que adotamos é a da necessidade de uma composição de estratégias e alternativas pedagógicas para repensarmos o modo de funcionamento das instituições educativas, a fim de fazê-las aderir à lógica da inclusão e da formação integral de crianças e adolescentes.

Sentimo-nos desafiados a desenvolver uma metodologia de trabalho que avance em relação às teses de Paulo Freire, buscando estruturar a efetivação de um espaço sensível de produção de conhecimento e cultura situado entre os bairros e a favela, as escolas municipais e a educação não-formal, crianças, jovens e adultos, paz e guerra.



Partimos da constatação de que os espaços de educação podem possuir diversos contornos, em vez de uma forma pré-estabelecida; estão em constante processo de transformação, como nossas vidas também estão. São muito complexos e exigem profissionais capazes de repensá-los constantemente. Com base nesses aspectos, a Casa das Artes procura aperfeiçoar sua estrutura conceitual, sua estratégia pedagógica, a partir do pressuposto de que é preciso avançar nas relações entre Educação, Cultura e Ação Comunitária. Antes de entrar nos aspectos propriamente metodológicos, é preciso chamar a atenção para dois princípios que orientam nossas reflexões.

Primeiro é preciso dizer que, para nós, a estruturação de intervenções educacionais em favelas só pode constituir-se através do incentivo ao diálogo e à troca entre grupos culturais distintos. Não acreditamos que tais intervenções possam ser válidas quando partem exclusivamente de moradores ou de grupos externos – sem interesse nas possibilidades de trocas. Acreditamos e buscamos as misturas, as possibilidades de mútua contaminação. Queremos ser como uma balança, que só ganha movimento quando dois “opostos” entram em relação. Nosso trabalho é estruturado a partir da valorização das experiências de todos os envolvidos. Gostamos disso, queremos assim, estamos todos buscando ampliar nossos pontos de vista. Quem não era da favela se torna e quem é de lá procura sair. Entendemos que todos os agentes envolvidos nesse processo (pais e responsáveis, alunos de todas as faixas etárias, professores da Casa das Artes e das escolas, coordenadores, diretores de escolas e todos os membros das comunidades) são agentes portadores de experiências distintas que precisam ser articuladas em um projeto comum. Este é o desafio.

Para nos ajudar a compreender a complexidade do problema, passo a palavra a Canclini (2005): “Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas,



sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que freqüentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações de trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe a aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos.” Como educadores atuando em áreas populares nosso desafio não é passar das diferenças às fusões, como se as diferenças deixassem de importar. A rigor, trata-se de tornar complexo o espectro. Pretende-se chamar atenção para o **modo como as diferenças precisam se articular** e o que são capazes de produzir.

Os projetos que nascem de uma *Pedagogia das Trocas* através das possibilidades de mútua contaminação entre diferentes colocam o educador como um pesquisador das experiências da cultura no mundo em que vai atuar. Este educador aprende a trabalhar como se respira: de fora para dentro e de dentro para fora.

Agindo sob uma ética da diferença, poderemos manifestar uma política da transfiguração, baseada na liberdade de mover-se cruzando margens a fim de prosseguir na construção de espaços de negociações, de dupla escritura – baseados no diálogo, na intertextualidade, capazes de ser reconhecidos de ambos os lados. Boa parte da teoria cultural recente tem adotado um modelo de configuração que é de dupla codificação: nem isto nem aquilo, mas isto e aquilo. Nessa perspectiva o educador perde sua forma individualista e abre todos os seus poros, trabalha *junto com* e não mais sozinho.

Nesse terceiro espaço – que queremos construir e que estamos chamando de *Pedagogia das Trocas* –, não queremos políticas de assimilação, mas assegurar as autonomias culturais. Para isso é preciso reconhecer que *identidade* não é um



assunto ontológico, mas político: os sujeitos estão situados “no meio de” espaços de diferenças como raça, classe e gênero, e sem dúvida estes espaços possuem comunicação e é preciso utilizá-la. Este é o trabalho do educador interessado em promover mudanças sociais.

O segundo ponto que nos orienta é o interesse na sistematização das experiências educacionais realizadas além dos espaços acadêmicos. A Casa das Artes pauta suas ações a partir de constante diálogo entre prática e reflexão, porque entende que educação é também a produção de saber e que os desafios atuais do Brasil exigem a pesquisa por tecnologias sociais capazes de promover o sucesso de crianças e jovens na conquista da escolaridade. É claro que não pretendemos negar o trabalho das academias – mantemos diálogos diversos com as universidades –, mas queremos valorizar a construção dos conhecimentos que estamos manipulando em ambiente diverso. Nosso objetivo é atuar e refletir, operando a transformação social a partir das conclusões que possamos formular no terreno onde atuamos.

Nossa metodologia tem como principal desafio a ampliação do conceito de aprendizagem, e assim compreende que é necessário reunir os saberes e práticas escolares aos comunitários, presentes em nossas vidas. Entendemos que a educação de qualidade surge de nossa capacidade de integração de conhecimentos e de trocas estruturadas sob condições favoráveis.

Para elaborar uma prática pedagógica a partir desses desafios, estamos atualmente estruturados em quatro núcleos articulados de trabalho:

*1. Núcleo de Pesquisas Artísticas* – são desenvolvidas oficinas nas linguagens visual, corporal e musical. As pesquisas são realizadas a partir do confronto entre o interesse identificado na comunidade, a produção contemporânea e a história e os desafios da



linguagem abordada. Nesse processo nos perguntamos constantemente o que pode trazer de diferente ao indivíduo a formação em arte.

Evidentemente não é possível responder essa pergunta em tão curto espaço, mas vamos tentar apontar alguns aspectos relevantes. A experiência com a arte é algo avesso a classificações, inimiga implacável de todo pensamento dominador fechado a transformações. Criar é necessariamente tentar alterar a ordem estabelecida, é buscar um outro real. Aí reside sua potência revolucionária.

No Núcleo de Pesquisa Artística da Casa das Artes, o que realizamos através das pesquisas com artes plásticas, música e dança é uma reformulação de nossas particularidades. Não no sentido ingênuo de buscarmos simplesmente o reconhecimento de diferentes entre si, o que poderia significar, ao contrário do que se espera, um posicionamento narcisista, individualista e fragmentário. O que afirmamos nas pesquisas com a arte é a experiência de que não há identidade sem diferença, nem diferença sem identidade. O meu *eu* existe porque existe um *outro*.

A pesquisa em arte é uma experiência com nós mesmos, com o que somos e com o que são os outros. Trata-se de uma prática que estrutura nossa subjetividade, na medida em que é uma experiência formulada diferentemente por cada um de nós. O que eu crio, só eu crio, não é passível de repetição. O que entendo, percebo, concluo através da observação do trabalho do outro é igualmente individual. Diante da arte, as interpretações são particulares, porque nossas experiências de vida são únicas. É preciso considerar a importância da arte como espaço de construção de subjetividades em um mundo que busca homogeneizar nossas experiências, transformando-nos em simples consumidores de idéias e produtos.



“Há quase quatro anos venho desenvolvendo um trabalho de dança contemporânea na Casa das Artes de Vila Isabel. Meus alunos têm entre 6 e 15 anos e a grande maioria está comigo desde o início. No trabalho que realizo, é claro que a elaboração da técnica e da linguagem é fundamental, mas acaba se tornando algo secundário, diante de tantos outros valores e aspectos que podemos desenvolver.” *Renata Brandão, professora de dança.*

2. *Núcleo de Pesquisa da Memória* – desenvolvem-se oficinas de fotografia e vídeo com o objetivo de produzir reflexões acerca da identidade sociocultural das comunidades através do olhar do jovem para sua realidade.

Ao incentivar a produção de imagens e textos como instrumentos para pensarmos a memória do passado e do que se produz hoje, estamos sempre diante do problema da inter-relação de sujeitos e objetos. Como desenvolver uma metodologia capaz de respeitar as diferenças culturais e simultaneamente construir um campo de múltiplos atravessamentos onde sujeitos e objetos se criam constantemente?

O que fazemos quando geramos livros e vídeos contando a história dos morros cariocas é construção de conhecimento, é produção de saber. Através das pesquisas que realizamos, os contornos socioculturais transformam-se, “mudam de cor”. Redescobrimos espaços, histórias. Damos movimento às trocas culturais tão necessárias para nos mantermos vivos, abertos ao novo, abertos para nos tornarmos aquilo que ainda não somos mas perseguimos ser.

3. *Núcleo de Pesquisas para Escola* – espaço de aprofundamento dos conteúdos escolares a partir da ampliação da noção de aprendizagem. O desafio cotidiano de nossos alunos é superar uma realidade adversa e transformá-la em possibilidades promissoras para o futuro. Neste percurso a conquista da escolaridade é um capítulo



essencial. Buscamos vincular os conhecimentos escolares à realidade de nossos alunos. Entendemos que o processo ensino-aprendizagem não se esgota nos conteúdos tradicionalmente abordados pela escola, mas ligam-se a um projeto mais amplo de sociedade.

*4. Núcleo Vi Vendo a Cidade* – programa de visitação à cidade através de parcerias com museus, centros culturais etc. Compreendemos que a cidade possui em si uma dimensão educadora, e é preciso garantir aos nossos estudantes experiências reais nos espaços públicos disponíveis. Ao longo dos últimos dois anos, junto com outros sete programas desenvolvidos em favelas cariocas, levamos aproximadamente 3.500 crianças e jovens a dezessete centros culturais.

“Quando eu comecei a passear pela cidade, eu vi como a cidade ficou grande, ela cresceu muito pra mim.” *João Gabriel (10 anos), Casa das Artes da Mangueira*

#### **2007 – Projeto Educação Complementar / MEC/SECAD**

Para a Casa das Artes o acordo com o MEC visando à implementação de uma ação de educação integral para 400 crianças e jovens – em parceria com as escolas municipais que reúnem o maior número de nossos alunos (E.M. Uruguai, na Mangueira, E.M. Assis Chateaubriand, em Vila Isabel, e E.M. Olimpia do Couto, em Acari) – representa importante oportunidade para sistematizarmos o trabalho que realizamos.

Muitas organizações sociais dão ênfase à educação integral a partir da experiência escolar; nós, diferentemente, queremos que nossa ação pedagógica surja de um eixo central constituído de um complexo esquema articulado entre educação e cultura, ou seja, do diálogo entre temas transversais, disciplinas, saberes, práticas cotidianas presentes nas escolas e nas comunidades. Entendemos que o sucesso desta



proposta está diretamente articulado a nossa capacidade de integrarmos experiências, conteúdos, projetos, intenções e métodos. A articulação que queremos construir exigirá de nós o fim de posições isoladas na direção de uma intervenção agregadora, baseada na cooperação e colaboração entre a Casa das Artes, as escolas, as comunidades e a cidade.

“Aqui na casa das Artes é muito bom de ficar, é calmo, tranqüilo, posso fazer o que gosto, que é conversar com as pessoas, dançar e brincar com os jogos, mas o que mais eu gosto é de ouvir histórias e imaginar tudo, como um sonho. Gosto mais de ficar aqui do que na rua, porque na rua é muito perigoso, tem o homem do saco que pega criança, tem gente brava.” *Miguel Ângelo da Costa (9 anos), aluno da Casa das Artes de Vila Isabel*

Não queremos desenvolver um projeto que vise, simplesmente, apoiar as atividades da escola, assim como não queremos transformar o tempo que o aluno passa na Casa das Artes em puro prazer. Nossa meta é ampliar criativamente a noção de aprendizagem relacionando-a às experiências de vida, o que implica repensarmos continuamente nossos pontos de vista, nossas certezas e expectativas.

Queremos desenvolver uma pedagogia em que todos sejam co-autores e estejam envolvidos criticamente. Para isso é interessante que as comunidades envolvidas desejem o projeto, que as escolas sintam-se desafiadas, que os alunos sintam-se partes responsáveis, que os educadores sintam-se animados.

Se voltarmos à pedagogia de Paulo Freire nos lembraremos que o mestre compreende o “homem como um ser em relação” (1979). Não é possível pensarmos educação sem pensarmos na cultura. Nos diferenciamos dos animais por nossas possibilidades de estar no mundo de forma crítica, ativa e inovadora. A experiência



existencial do homem no mundo é uma experiência cultural que se estrutura através dos saberes que são elaborados entre gerações, ou seja, de saberes que são processados em distintas experiências educacionais.

A própria noção de desenvolvimento mudou e hoje sabemos que o país não tem como avançar sem produzir cabeças inventivas, dotadas de livre pensar e de coragem. Aí está nosso desafio: recuperar condições para uma educação integral de qualidade para as crianças e jovens brasileiros, principalmente os filhos de pais não letrados. É nesta perspectiva que compreendemos a parceria com o MEC/SECAD, como uma oportunidade de produzirmos uma colaboração para o desafio que atropela a todos nós educadores, de recriarmos nossas práticas através de uma lógica da inclusão e da transformação social. É nesse sentido que sistematizaremos e discutiremos com a sociedade nossa experiência.

Copyright © 2007 – Sueli de Lima / Casa das Artes  
Todos os outros direitos reservados.